

Pesquisadores investigam como a vida moderna pode estar causando câncer entre os millennials

- Estudo com 150 mil pessoas revela que nascidos entre 1981 e 1996 apresentam sinais de envelhecimento biológico acelerado
- Medicamentos na gravidez, alimentos ultraprocessados e exposição a produtos químicos estão entre os principais suspeitos do aumento de 10% nos casos desde 2000

Ariana Eunjung Cha

Álvaro Valiño

Dan Keating

Gary Patti estuda dezenas de peixes-zebra translúcidos em tanques com substâncias suspeitas de serem cancerígenas. Sua equipe observa-os atentamente, rastreando quais peixes desenvolvem tumores, para tentar encontrar pistas para um dos quebra-cabeças médicos mais perturbadores do nosso tempo: Por que tantas pessoas jovens estão desenvolvendo câncer?

A tendência começou com os membros mais jovens da Geração X, mas agora é mais visível entre os millennials, que estão sendo diagnosticados aos 20, 30 e início dos 40 anos —décadas antes do que as gerações anteriores. Medicamentos tomados durante a gravidez, a disseminação de alimentos ultraprocessados, interrupções dos ritmos circadianos —causadas por trabalho noturno, viagens globais e telas onipresentes— e a proliferação de produtos químicos sintéticos estão todos sob escrutínio.

Americanos mais velhos ainda têm maior probabilidade de serem diagnosticados do que os mais jovens. Mas as taxas de câncer entre aqueles com idades entre 15 e 49 anos aumentaram 10% desde 2000, mesmo enquanto diminuíram entre pessoas mais velhas, de acordo com uma análise do Washington Post de dados federais.

O aumento de cânceres de início precoce atraiu um número crescente de cientistas para uma investigação compartilhada: não sobre as características hereditárias que permanecem amplamente inalteradas como causa de câncer entre gerações, mas

sobre as maneiras como a vida moderna pode estar reescrevendo o destino celular do corpo.

A nova direção de pesquisa examina o "exposoma" —toda a gama de exposições ambientais que uma pessoa experimenta ao longo de sua vida, mesmo antes do nascimento— e como essas exposições interagem com a biologia.

Muitos pesquisadores estão se concentrando em uma janela que se abriu nas décadas de 1960 e 1970 e acelerou nos anos 1980 e além, quando uma onda de novas exposições entrou na vida cotidiana.

A exposição a produtos químicos ambientais —incluindo aqueles em microplásticos que se acumulam nos tecidos após serem ingeridos ou inalados—, dietas com grandes quantidades de alimentos processados e a interrupção dos ritmos circadianos podem estar ligados ao risco de malignidades de início precoce.

A pesquisa é abrangente e interdisciplinar, mas está começando a se alinhar em torno de uma hipótese provocativa: mudanças nas exposições cotidianas podem estar acelerando o envelhecimento biológico, preparando o corpo para doenças mais cedo do que o esperado.

No ano passado, pesquisadores divulgaram um estudo com 150.000 pessoas que descobriu que os millennials —nascidos entre 1981 e 1996— parecem estar envelhecendo biologicamente mais rápido do que as gerações anteriores. Grande parte do trabalho nessa área está em seus estágios iniciais e não provou uma relação direta de causa e efeito em humanos.

John Ioannidis, professor de medicina, epidemiologia e saúde populacional da Universidade Stanford, diz que "não devemos entrar em pânico e pensar que tudo novo com que vivemos é tóxico", embora acredite que existem dados fortes e crescentes de que há muitas exposições prejudiciais no ambiente atual.

Medicamentos maternos

A medicina moderna alterou profundamente a experiência da gravidez. Mulheres que deram à luz na segunda metade do século 20 foram tratadas com medicamentos não como exceção, mas como um novo padrão.

Na época, esses desenvolvimentos eram vistos como progresso; a gravidez era mais segura e mais confortável graças à ciência. No entanto, à medida que os pesquisadores revisitamos essa era com novos métodos e examinando como os eventos se desenrolaram ao longo de um período prolongado —e com a

descoberta da ligação entre o medicamento para enjoo matinal talidomida e defeitos congênitos na década de 1960— uma história mais complicada emergiu.

Caitlin Murphy, professora e epidemiologista de câncer da Universidade de Chicago, viu-se lutando com exatamente essa questão. Ao examinar dados epidemiológicos, ela notou uma tendência curiosa. O aumento nos diagnósticos de câncer acompanhava o ano de nascimento.

Mas em vez de um aumento constante em toda a linha, as taxas de câncer pareciam disparar entre os millennials. O padrão, Murphy percebe, era sobre um grupo de pessoas nascidas durante o mesmo período. Ao vincular esses registros médicos pré-natais aos registros estaduais de câncer, Murphy determinou que filhos cujas mães haviam tomado bendectina, um medicamento antináusea, tinham 3,6 vezes mais probabilidade de desenvolver câncer de cólon na idade adulta.

A bendectina foi retirada do mercado em 1983 em meio a preocupações sobre defeitos congênitos. Testes de acompanhamento não encontraram ligação com o uso e complicações no feto.

Dieta

Hoje, alimentos ultraprocessados representam mais da metade da ingestão calórica diária total nos Estados Unidos, entre outros países. Projetados para sabor, conveniência e estabilidade nas prateleiras, eles têm sido correlacionados com taxas crescentes de obesidade e doenças metabólicas —e talvez um aumento no câncer em adultos jovens.

Andrew Chan, gastroenterologista do Hospital Geral de Massachusetts e professor de medicina na Escola de Medicina da Universidade Harvard, é um dos líderes de uma pesquisa global lançada em 2024 para investigar o aumento do câncer de cólon entre jovens adultos. Em maio, sua equipe apresentou descobertas iniciais sugerindo uma ligação preocupante.

Indivíduos com menos de 50 anos que consumiam as maiores quantidades de alimentos ultraprocessados enfrentavam um risco 1,5 vezes maior de desenvolver tumores de cólon de início precoce.

Ritmo circadiano

Nas últimas décadas, a explosão da luz artificial, horários de trabalho erráticos e conectividade digital 24 horas por dia alteraram fundamentalmente quando e como

dormimos, comemos e descansamos. Como resultado, pesquisadores dizem que os processos biológicos que dependem do nascer e do pôr do sol —como regulação imunológica, controle endócrino e funções metabólicas— podem se desintegrar.

A melatonina, um hormônio produzido na escuridão, desempenha um papel crucial neste sistema. Mas no mundo luminoso e sem sono de hoje, a produção de melatonina é regularmente interrompida.

Pesquisas têm relacionado o desalinhamento circadiano crônico a maiores riscos de cânceres de mama, colorretal, pulmão, fígado e pâncreas, todos cada vez mais diagnosticados em populações mais jovens. E em 2007, a Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer declarou que o trabalho em turnos que perturba os ritmos circadianos é um provável carcinógeno humano.

Produtos químicos e microplásticos

A exposição a produtos químicos e plásticos hoje é difusa, ambiental e inevitável, diferentemente de toxinas tradicionais como amianto ou chumbo, que tendiam a ser mais ocupacionais ou localizadas.

Esses fragmentos atuam como esponjas para toxinas ambientais; estudos laboratoriais demonstram que microplásticos podem danificar o DNA, interferir na divisão celular e promover inflamação crônica, um mecanismo bem conhecido na carcinogênese. Em modelos animais, a exposição a microplásticos foi associada ao câncer de cólon e pulmão e à desregulação do sistema imunológico.

Os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos estimaram que 97% dos americanos têm algum nível de "produtos químicos eternos" tóxicos - um grupo de compostos sintéticos frequentemente encontrados em plásticos com efeitos negativos à saúde que persistem no meio ambiente e no corpo humano —em seu sangue.

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2025/10/pesquisadores-investigam-como-a-vida-moderna-pode-estar-causando-cancer-entre-os-millennials.shtml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal Folha de S. Paulo